

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM CASO FENOMENOLÓGICO-EXPLORATÓRIO DE UMA CRIANÇA CEGA DEVIDO A UM CRANIOFARINGIOMA

Hedlamar Fernandes

hedlamarfernandes@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9398911742741951>

Hiran Pinel

hiranpinel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

RESUMO

Este artigo visa a descrever compreensivamente duas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos autores junto a um menino de seis anos de idade, automeado “Naruto”, que possui um complexo e raro quadro clínico denominado craniofaringioma. A partir de um estudo exploratório de orientação fenomenológica, foi possível descrever, analisar e refletir sobre a prática educativa realizada com os educandos dentro do ambiente hospitalar. Os resultados apontam que o uso de práticas pedagógicas envolvendo a tecnologia e o desenho livre tornam-se ferramentas de relevância fundamental na construção do conhecimento do educando, contribuindo para interação social da criança internada e fortalecendo as relações interpessoais entre ela e o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Classe Hospitalar; Educação Inclusiva; Práticas Educativas

INTRODUÇÃO

A infância tem sido considerada como uma fase muito rica de experiências para o ser humano, considerado como ser-no-mundo, que se entrega às relações interpessoais na sua cultura, sociedade e história. Ceccim e Carvalho (1997) descrevem a vida infantil como prenhe de potência, energia, movimentos, modos de ser curiosa e impertinente, provocadora, que se expressa corporalmente, explora o meio imediato, é intelectualmente criativa, dentre outras características.

Nesse contexto, encontramos a doença como uma das barreiras para a aprendizagem e desenvolvimento do ser humano em seus “modos de ser sendo junto ao outro no mundo”¹, que traz consigo o impacto de sua interligação com o outro, já que o

1 O termo é retirado de Pinel (2010).

indivíduo é também alteridade.

Não negaremos que a criança internada tem necessidades clínicas, mas outras necessidades também se manifestam para o seu ser-no-mundo, como a necessidade de aprender a lidar com seu mundo subjetivo, que inclui sua doença, e com seu mundo externo (mundo hospitalar, mundo da escolarização etc.).

A Pedagogia Hospitalar (escolar e não escolar) mantém a criança curiosa de si e das coisas que lhe acontecem, e estudos têm indicado que esse tipo de intervenção tende a melhorias emocionais e cognitivas do sujeito, potencializando sua adesão ao tratamento e facilitando intervenções cirúrgicas muitas vezes invasivas e dolorosas. Esse paciente passa a ser mais ativo, pois sua escola de origem manterá contatos com a professora de Educação Especial na classe hospitalar ou fora dela (nos leitos, por exemplo), e ele saberá e sentirá isso.

O objetivo desse artigo científico é descrever compreensivamente duas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos autores junto a uma criança que se nomeou como Naruto. Ela tem seis anos de idade e possui um complexo e raro quadro clínico, denominado craniofaringioma². Nosso trabalho se constitui a partir de um estudo exploratório de caso, que foi levado a cabo utilizando-se o método fenomenológico de pesquisa (FORGHIERI, 2001), que, segundo Ribeiro (2011, p. 88) “expressará a radicalidade que o pensar filosoficamente a realidade se confere”.

QUEM É NARUTO?

O sujeito da pesquisa, desde o começo do atendimento pedagógico escolar e não escolar, se nomeou como Naruto, já que é fã desse anime japonês, mundialmente reconhecido e premiado. Para começar a compreender quem é e como é o aluno-

2 O craniofaringioma consiste em tumores benignos intracranianos, que podem reaparecer mesmo após intervenção cirúrgica. Também existe a possibilidade dos tumores aderirem a estruturas circunvizinhas ao sistema nervoso central, provocando hidrocefalia (acúmulo de líquido no cérebro), dores de cabeça, problemas de visão, obesidade, disfunção sexual, fadiga, baixa estatura e outros problemas desfavoráveis à qualidade de vida do paciente. Sintomas como déficit cognitivo, apatia e distúrbios de memória também podem se fazer presentes.

paciente Naruto, talvez seja importante descrever o personagem no qual ele foi buscar inspiração. Criado pelo escritor Masashi Kishimoto (1974-), o anime *Naruto* conta a história de Naruto Uzumaki, um jovem ninja, isto é, um lutador estrategista, que se dilui na multidão para espionar seus adversários. Ele busca constantemente reconhecimento e aprovação, e tem um grande sonho: tornar-se um *hokage*, o ninja líder de sua vila, que é amado pela comunidade.

Já o paciente-aluno Naruto tem seis anos de idade e seu quadro clínico de craniofaringioma começou quando ele ainda era muito novo. Inicialmente, a criança se queixava de dores de cabeça constantes, porém os médicos de sua cidade natal, situada no interior do Espírito Santo, nada detectaram. Quando deu entrada no Hospital Estadual Infantil Nossa Senhora da Glória, em Vitória, ele já estava cego e muito debilitado. Até agora, foi submetido a duas cirurgias no cérebro, indispensáveis, mas altamente invasivas. O paciente é sempre acompanhado por sua mãe, já que seu pai é um homem ausente, talvez por conta do trabalho e também por ser violento e usuário de drogas³.

TEORIA E PRÁTICA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

As práticas pedagógicas realizadas dentro da classe hospitalar exigem do professor e da professora segurança, competência e generosidade profissional. O pensamento freireano nos permite pensar esse profissional como um pesquisador sistemático da realidade, um problematizador movido de curiosidade na e para a prática educativa. Sendo essa a sua função, ele busca novos saberes, abrindo um leque de possibilidades para compreender a escola na vida e a vida como escola.

As práticas pedagógicas realizadas dentro do complexo espaço-tempo que é a classe hospitalar exigem que o profissional da educação compreenda que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. O saber que o professor e a professora têm diante de si mesmos é algo encarnado, entrelaçando com o saber de seus pacientes-alunos, que, por

3 Conforme relato da própria mãe de Naruto, o pai do menino o agrediu quando este defecou, esfregando o rosto dele nas próprias fezes. Por esse e por outros motivos não revelados, Naruto rejeita explicitamente seu pai.

sua vez, produz um saber prático, conquistado a partir da experiência. Nesse sentido, é preciso estar aberto para querer bem aos alunos da classe hospitalar, incentivando-os a nutrir-se de coragem, pois essa “é a maneira autêntica de selar o compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.” (FREIRE, 1997, p. 138).

Com efeito, as práticas pedagógicas são um campo de mobilização de saberes e de produção de conhecimento, visto que alunos e professores se informam ao construir e reelaborar seus saberes e fazeres. Ambos fazem a diferença na relação dialógica, contribuindo para o crescimento recíproco dentro da classe hospitalar e atendendo à necessidade mútua de atenção, afeto e desenvolvimento intelectual.

Sendo assim, pontuamos algumas práticas pedagógicas realizadas com Naruto na classe hospitalar do Hospital Estadual Infantil Nossa Senhora da Glória, que ocorreram em meio a processos estruturadores da vida e da existência da criança, com uma didática focada nos modos-de-ser do paciente aluno.

Uma dessas atividades foi a proposta de desenho livre sugerida pela professora de Naruto (figura 1), um exercício que possibilita a livre expressão e o autoconhecimento na criança. Como o paciente-aluno é uma criança comunicativa e, portanto, aberta ao diálogo, a professora permitiu que ele revelasse à classe hospitalar sua intimidade e seus conhecimentos, discursando sobre o anime.



Figura 1 – Naruto realizando a atividade de desenho livre

Naruto descreveu o anime tal como é sentido e vivido por ele, com um semblante alegre e cheio de gestos. A professora aprimorou seus conhecimentos, pois compreendeu que ensinar exige saber escutar: “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.” (FREIRE, 1997, p.111).

Notamos que as aprendizagens que ocorreram entre Naruto e sua professora surtiram efeito numa esfera multidisciplinar e também tiveram repercussão nas vidas das outras crianças presentes, o que potencializou o ensino dentro da classe hospitalar. Os desafios das práticas pedagógicas brotaram como uma força misteriosa, tornando o ensino escolar e não escolar tão desejável quanto rigoroso.

Assim, Naruto foi narrando toda sua vivência, baseada em sua experiência com o anime japonês: *“Eu quero ser como Naruto. Quero ser forte e valente. Quero mandar em tudo, até aqui dentro do hospital.”*. Após essa declaração do paciente-aluno, a professora fez uma intervenção, pedindo ao aluno que desenhasse o personagem Naruto. A professora queria ver, através do desenho do aluno, como era o personagem tal como percebido por seus sentidos.

Com essa prática, a professora compreendeu que aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente, como pontua Gadotti (2003). Tendo Naruto o sonho de ser forte e determinado, a professora trouxe como atividade planejada a exibição de um episódio da série japonesa em seu *tablet*, permitindo-lhe identificar-se com os modos-de-ser do aluno (figura 2). A professora precisou se comprometer com sua prática pedagógica, assistindo ao filme com antecedência, para reforçar o compromisso e a amorosidade consigo mesma e com o outro.

Como o aluno é cego, a professora lançou mão da técnica da autodescrição, que faz a “tradução” oral de todas as informações que compreendemos visualmente, promovendo a inclusão do paciente-aluno, que necessita de outros meios que não a imagem para compreender e experimentar o mundo. Trata-se de um processo experiencial para ambos, no qual aluno e professor reconstróem o conhecimento a partir de suas práticas, transformando o aprendizado em uma “experiência significativa, algo

que o provoca [o aluno], algo que ele pré-sente [presente] que não sairá intacto daquilo que está a lhe penetrar o corpo-alma” (PINEL, 2005, p. 25).



Figura 2 – Naruto assiste ao anime no tablete da professora

Naruto foi ousado ao assistir o anime e desafiou todos a sua volta, dizendo: “*Essa raposa é horrorosa e chata.*”⁴ A professora aproveitou a oportunidade para descrever como é a raposa de nove caudas e ouviu de Naruto a seguinte frase: “*Não gosto da cor marrom, ela é a cor do galho da árvore que espeta a minha mão.*”

Percebeu-se que Naruto foi construindo cada vez mais sua autonomia diante da proposta pedagógica. De fato, a presença de filmes como prática pedagógica possibilita estimular, nas crianças, a capacidade de julgamento, sensibilidade e experiência estética. Isso coaduna com a perspectiva de Freire (1997), segundo o qual é necessário priorizar a beleza nas práticas de ensino.

Houve um profundo engajamento escolar entre aluno e professor: ambos construíram um novo sentido através da realização da tarefa proposta, em concordância com Freire (1997). A professora, ao descrever algumas cenas do anime para Naruto, sentiu que o paciente-aluno foi se tornando presença no mundo, “num processo ininterrupto e eterno vivido no cotidiano; o homem aqui é como se fosse uma cartografia:

4 Naruto se refere a um dos personagens do anime, a raposa de nove caudas.

aberto a ser sendo descrito nas suas incompletudes, durante esse processo vivido por si mesmo.” (PINEL, 2005, p. 25). Por sua vez, o aluno, na condição de eterno aprendiz, comentou com a professora, ao ouvir sua descrição do personagem Naruto: *“A roupa dele [Naruto] é bonita professora, ele vence tudo e sua melhor amiga é Sakura, porque ela não deixa Naruto.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos pontos que nos levam à compreensão das práticas pedagógicas realizadas dentro de um espaço-tempo complexo como a classe hospitalar é a necessidade de uma relação de amorosidade entre professor e aluno. Ensinar exige querer bem ao educando, principalmente quando o ensino se dá numa classe hospitalar. De fato, como aponta Freire (1997), o professor e a professora precisam querer bem aos seus alunos, bem como devem encorajar uma prática pedagógica “coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, na esperança de um mundo melhor.” (FREIRE, 1997, p.110).

Mediante isto, as práticas pedagógicas devem estar pautadas na capacidade do profissional da educação de aprender a pensar sobre a realidade da vida. Assim, ao remodelar sua memória educativa, repensar seu percurso pessoal e o modo como ele representa a realidade de cada aluno, a subjetividade do educador é reinventada na relação dialógica e na curiosidade epistemológica. Assim, as marcas da vida pessoal e da vida profissional coexistem, pois o profissional “que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma uma inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento de história.” (FREIRE, 1997, p.133).

Da mesma forma, a atuação do professor e da professora no espaço-tempo da classe hospitalar deve ser permeada de práticas pedagógicas transformadoras, centradas na vida, considerando que o paciente-aluno é um ser-no-mundo que exercita sua liberdade, assumindo tarefas e se posicionando no mundo.

Seguindo a proposta de Freire (1997), a professora de Naruto lutou a favor da dignidade da prática docente e testemunhou em suas práticas pedagógicas que há

possibilidades de viver com respeito e abertura para o paciente-aluno, criando “pontes” de relação dialógica e permitindo possibilidades de escuta empática. Assim, a prática docente torna-se também, ela mesma, uma atitude profundamente ética: “a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética.” (FREIRE, 1997, p.64).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança Hospitalizada**:atenção integral como escuta à vida. Porto Alegre: EDUFRGS, 1997.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**; fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2001.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes e uma educação social**: cinema, existencialismo e psicopedagogia, processos afetivos e aprendizagem. Vitória: Do Autor, 2005.

_____. **Modos de ser sendo junto ao outro no mundo**: invenção de um discurso fenomenológico-existencial marxista. 2. ed. Vitória: Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Criciúma: Etiketa, 2003.

SOBRE OS AUTORES

Hedlamar Fernandes é graduada em Pedagogia pela Faculdade Cenecista de Vila Velha e atua como professora de 1ª a 5º ano na rede pública do estado do Espírito Santo e como professora de pós-graduação no CESAP e no Instituto Écolle. É mestra em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos”.

Hiran Pinel é licenciado em Psicologia, Pedagogia, Filosofia, Biologia e Matemática e graduado em Formação de Psicólogos. É mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e pós-doutor

Artefactum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, onde leciona cursos presenciais e à distância na linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos”.